
CISION®
PRESS BOOK

Revista de Imprensa

1. Andebol - Parados por tempo indeterminado, Bola (A), 27/03/2020 1

2. Andebol suspenso por tempo indeterminado, Diário do Minho, 27/03/2020 2

3. Quando os objetivos são muito difíceis, ninguém se aborrece, Mais Futebol Online, 27/03/2020 3

4. Quero acumular a seleção com um clube, sinto que fico mais em forma, Mais Futebol Online, 27/03/2020 4

5. Aprendemos muita coisa, mas há uma que ainda não aprendemos..., Mais Futebol Online, 27/03/2020 6

6. Parecíamos uns parolos! As pessoas em festa e nós lá como cabeçudos, Mais Futebol Online, 27/03/2020 7

7. Parecíamos uns parolos! As pessoas a fazer a festa e nós tipo cabeçudos, Mais Futebol Online, 27/03/2020 10

8. Fomos campeões da mudança, mas isso não é um título, Mais Futebol Online, 27/03/2020 11

9. Disseram à nossa guia: ´vais com Portugal, eles só ficam cinco dias´, Mais Futebol Online, 27/03/2020 16

10. Euro sub-20 em risco, Record, 27/03/2020 17

11. Andebol, Record, 27/03/2020 18

12. Só posso abandonar depois de fazer publicidade a uma marca tipo Delta, TVI 24 Online, 27/03/2020 19

13. Paulo Jorge Pereira: Acabou a história do ´se calhar não vamos´!, TVI 24 Online, 27/03/2020 20

14. Quero acumular a seleção com um clube, sinto que fico mais em forma, TVI 24 Online, 27/03/2020 21

15. Parecíamos uns parolos! As pessoas a fazer a festa e nós tipo cabeçudos, TVI 24 Online, 27/03/2020 23

16. Disseram à nossa guia: ´vais com Portugal, eles só ficam cinco dias´, TVI 24 Online, 27/03/2020 24

17. Os luso-cubanos vivem o jogo de uma forma mais natural, TVI 24 Online, 27/03/2020 25

18. Nós no desporto temos uma excelente oportunidade para dar o exemplo, TVI 24 Online, 27/03/2020 26

CISION

A BOLA

ID: 85654011

27-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 21,37 x 6,35 cm²
Corte: 1 de 1



RUI RAIMUNDO/ASF



Andebol não tem prazo para voltar

Parados por tempo indeterminado

➔ ***Competições nacionais e de seleções de andebol vão permanecer suspensas devido ao Covid-19***

A Federação de Andebol de Portugal irá manter, por tempo indeterminado, a suspensão de todas as competições nacionais, assim como das seleções nacionais masculinas e femininas. Em comunicado ontem divulgado no site federativo, e no âmbito do Plano de Contingência do Covid-19, a direção da FAP justifica a decisão com a «necessidade de salvaguarda da saúde pública e segurança dos agentes desportivos intervenientes nas competições e seleções», nomeadamente jogadores, treinadores e dirigentes, assegurando «acompanhar diariamente a evolução da situação» e os impactos da mesma nas competições desportivas nacionais e internacionais da modalidade. Adianta ainda ter já reunido com representantes das divisões máximas do andebol nacional (Andebol 1 e I divisão feminina) e associações regionais, para avaliar eventuais soluções, admitindo, caso se justifique, «modificar, a qualquer momento, as medidas agora adotadas».

CISION

Diário do Minho

ID: 85654848

27-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 24
Cores: Cor
Área: 8,54 x 14,13 cm²
Corte: 1 de 1



EM PORTUGAL

Andebol suspenso por tempo indeterminado



A Federação de Andebol de Portugal (FAP) decidiu ontem "suspender por tempo indeterminado" todas as suas competições, que, num primeiro momento, tinham sido interrompidas até domingo, devido à pandemia da Covid-19. «A direção deliberou manter a suspensão de todas as competições nacionais de andebol, assim como das seleções nacionais, por tempo indeterminado, tendo em vista a salvaguarda de interesses de natureza pública, nomeadamente, da saúde pública e segurança dos agentes desportivos», explicou o organismo, em comunicado. Em 12 de março, a FAP tinha interrompido as provas e prometido "acompanhamento permanente" e revisão da sua posição até 29 de março.

«A direção da FAP continuará a acompanhar permanentemente a evolução da situação e as orientações das entidades oficiais, podendo, caso se justifique, modificar, a qualquer momento, as medidas agora adotadas», concluiu.

Quando os objetivos são muito difíceis, ninguém se aborrece

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: Mais Futebol Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9d0b8945

Paulo Jorge Pereira, selecionador de andebol, sobre a forma como motivou a seleção que conseguiu o melhor resultado de sempre, ao ser 6.º no Europeu.

Quero acumular a seleção com um clube, sinto que fico mais em forma

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	27/03/2020
Meio:	Mais Futebol Online	Autores:	Adérito Esteves

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=811aac7e

Paulo Jorge Pereira assume a vontade de voltar a trabalhar em clubes, mas sem deixar a seleção de andebol

A ambição é uma das imagens de marca de Paulo Jorge Pereira. Foi ela que o levou a deixar o comando técnico do FC Porto, em 2006, para poder dedicar-se inteiramente ao andebol.

Foi também essa ambição que se disseminou ao grupo que, em janeiro, conseguiu levar a seleção ao melhor resultado de sempre numa grande competição.
PUB
E é também por ela que o técnico volta a assumir a vontade de acumular o comando da seleção com o de um clube. Paulo Jorge Pereira diz que já há contactos nesse sentido e não se coíbe de detalhar aquelas que considera serem as vantagens, mas também as desvantagens, de o fazer, do ponto de vista da seleção.
PUB
MF: Já referiu algumas vezes a vontade de acumular o cargo de selecionador com o de treinador de uma equipa. É possível fazê-lo em Portugal?

PJP: Em Portugal, com uma equipa portuguesa, seguramente que não.

MF: Mas está para breve essa possibilidade?

PJP: Há algumas movimentações e espero poder acumular na próxima época. Se não acumular, paciência. Mas espero conseguir fazê-lo porque ainda me sinto com energia para o fazer. A minha vontade é continuar com a seleção - que é um prazer enorme, cantar aquele hino - e, se puder acumular com um clube de um campeonato de referência, melhor ainda. Há possibilidades. Não sei se vai acontecer, mas há possibilidades de isso acontecer. Na Europa.

MF: O que considera que a seleção tem a ganhar de ter o selecionador a trabalhar num clube?

PJP: Eu sei que é muito cansativo, mas também sinto que estou mais em forma quando vamos jogar. Eu recordo-me que quando fizemos o torneio de Espanha [de preparação para o Europeu, em dezembro], estava há meses sem ir para o banco, e estar naquela posição, a ver o jogo daquele ângulo, é diferente. É diferente a forma como interpretamos o jogo e como resolvemos problemas. Sinto que fico mais em forma no que diz respeito a tomar decisões mais rápidas: a fazer uma substituição, mudar o sistema defensivo...

MF: Mas também há desvantagens.

PJP: Claro. Tenho menos tempo para preparar e estudar os adversários. Se estiver num clube, não tenho tanto tempo. Neste Europeu [não estar a trabalhar num clube] acabou por ser bom, porque tive muito tempo para preparar os jogos, sobretudo os da primeira fase.

MF: Já teve essa experiência: estava no CSM Bucareste quando conseguiu apurar a seleção para o Europeu.

PJP: Sim. E ganhámos a Taça Challenge [no clube romeno]. Foi um ano tremendo de trabalho, mas foi altamente produtivo. E é possível fazê-lo, há muitos treinadores nessas circunstâncias. Alguns deles, com êxito.

LEIA TAMBÉM

Parte 1: Fomos campeões da mudança, mas isso não é um título

Parte 2: Parecíamos uns parolos! As pessoas em festa e nós lá como cabeçudos

Adérito Esteves

Adérito Esteves

Aprendemos muita coisa, mas há uma que ainda não aprendemos...

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 27/03/2020

Meio: Mais Futebol Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=39ab0dce

Paulo Jorge Pereira fala sobre as aprendizagens trazidas pela seleção de andebol do Europeu, no qual alcançou o melhor resultado de sempre.

Parecíamos uns parolos! As pessoas em festa e nós lá como cabeçudos

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	27/03/2020
Meio:	Mais Futebol Online	Autores:	Adérito Esteves

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ddb05d77

Paulo Jorge Pereira elogia a ambição crescente da geração que conseguiu o melhor resultado de sempre do andebol português

Passaram cerca de três anos e meio desde que Paulo Jorge Pereira foi anunciado como selecionador português de andebol.

Ao olhar para o percurso realizado até ao momento, o técnico de 55 anos acredita que a marca mais importante que gravou foi a de ajudar a afastar um dos principais adversários da seleção na última década: o estigma da derrota .

PUB

A ideia de entrar em campo já derrotado não cabe mais nesta história, garante.

PUB

Mas ainda há muito por fazer, defende nesta segunda parte da entrevista. Até porque Paulo Jorge Pereira ainda não foi convidado para fazer publicidade a uma grande marca. E só depois disso diz, entre gargalhadas, pode começar a pensar em abandonar a luta pelo crescimento do andebol.

MF: Se deixasse de ser selecionador de Portugal neste momento, qual seria a marca que se orgulhava de ter deixado?

PJP: Primeiro, se eu tivesse de deixar agora a seleção, tentaria fazer aquilo que tentei quando entrei: uma conferência de imprensa conjunta com o treinador que ia entrar. Para lhe desejar boa sorte publicamente. Na altura isso não foi possível por diversas razões. Mas eu acho que no desporto temos uma excelente oportunidade para dar palco às boas práticas. E se temos oportunidade de dar o exemplo, devemos fazê-lo. Às vezes vou ver um jogo de andebol e toda a gente insulta toda a gente. Na Tunísia, teoricamente um país menos desenvolvido, se isso acontece, o árbitro pára o jogo e dá dois minutos ao banco da equipa cujos adeptos estão a insultar. Eu adoraria ver uma medida deste género - que é anti-populista, mas que pode ajudar a fazer crescer.

MF: Mas isso é algo que gostaria de implementar. Pergunto por aquilo que já foi conseguido neste período. Que grande marca acha que já conseguiu deixar?

PJP: Aquilo que eu sempre tentei quebrar desde o início foi aquele estigma que existia da derrota. Lutei sempre contra isso. Posso estar a deixar um pouco essa marca.

MF: Existia um peso da derrota antecipada muito vincado?

PJP: Sim. Eu recordo-me do primeiro jogo que fiz na seleção, na Alemanha, onde fomos perder por 11, depois de termos tido cinco dias de trabalho. E o nosso presidente [Miguel Laranjeiro], que também tinha chegado há pouco tempo, e é uma pessoa muito cordial e que gosta de passar mensagens de serenidade, pediu-me para fazer um discurso no final do jogo. E lembro-me que ele disse algo do género: 'tenham calma, não jogámos contra uma seleção qualquer e o nosso caminho está a ser construído'. E aquilo na altura pareceu-me um discurso demasiado light. Então, pedi para

falar logo a seguir.

MF: E foi mais duro...

PJP: Oh, pá. Eu ouvi aquilo e disse aos jogadores: 'Vocês desculpem lá, mas nós parecíamos uns autênticos parolos! A entrar no pavilhão, a olhar para aquilo... Parecíamos uns autênticos parolos! Eu incluído! As pessoas todas a fazer a festa e nós a fazermos parte daquilo, tipo os cabeçudos! Nós não podíamos ter feito melhor do que isto? Eu tenho a certeza de que podíamos!'. Tanto assim é que uns dias depois empatámos em casa com a Eslovénia e não ganhámos por pouco.

MF: Confiava na qualidade dos jogadores...

PJP: Claro. Porque nós tínhamos gente para isso. Se não tivéssemos, eu acho que não me arriscava tanto. Nós temos um misto de atletas que combina os inteligentes, os combatentes, os apaziguadores... E o grupo funciona lindamente, com gente com carácteres completamente diferentes uns dos outros.

MF: Acredita que a naturalização dos atletas cubanos também contribuiu para afastar esse tal estigma da derrota?

PJP: Sim. Esta vinda dos cubanos foi excecional e decisiva para nós. Deu-nos peso, altura e agressividade. Eles não conhecem ninguém! Isto é, não têm aquele preconceito de estar a jogar com X ou Y. Eles querem é jogar, combater e ganhar. E divertirem-se a jogar. Vivem o jogo e a competição de uma forma mais natural. Centram-se mais naquilo que tem de fazer e não tanto nas consequências. Mas nós também temos atletas com essas características.

MF: Quem?

PJP: O [Luís] Frade, por exemplo. O que ele que é jogar, quer lá saber se é contra o Karabatic. O Miguel Martins, para quem jogar é uma diversão. Às vezes até de mais. [risos]. Temos de o puxar e dizer: 'vamos, mais eficácia'! E ele é excecional nisso. E vai ficando cada vez melhor.

MF: Sente que os atletas têm agora um compromisso maior?

PJP: Não só os atletas, mas o staff também. Felizmente, temos agora um staff mais alargado do que nunca, mas muitos deles estão a funcionar quase de forma altruísta. Ganham alguma coisa, mas trabalham muito de forma altruísta. Não temos a federação mais rica do mundo e tem de haver um equilíbrio entre o que as pessoas auferem e aquilo que eles produzem. E neste momento, aquilo que eles produzem é 500 vezes superior ao que auferem. Tenho um grupo de pessoas envolvida em fazer mais e todos trabalham para um objetivo de elevada exigência.

MF: Cerca de um mês antes da fase final do Europeu, disse que estava a meio daquilo que podia vir a fazer na seleção. Já está a mais de meio desse caminho?

PJP: Diria que estamos mais ou menos a 60 por cento. Aquilo que fizemos foi interessante, mas ainda falta muito. Quer na seleção, quer no meu percurso como treinador. Quero acreditar que estou nos 60 por cento.

MF: Ainda não tem um outdoor publicitário...

PJP: [risos] Sim, eu disse uma vez que só poderei abandonar a minha atividade quando aparecer num outdoor a promover alguma marca importante. Porque isso seria sinal, não de que eu sou uma figura extraordinária, mas de que o andebol em Portugal estava a vender. E de que estamos num bom caminho.

MF: Tem alguma preferência?

PJP: [risos] Eu gostava de fazer à Nespresso, por exemplo. Não! À Delta, que é uma marca portuguesa!

MF: Acredita que já faltou mais para isso?

PJP: Já faltou mais, sim! As pessoas culpam os políticos e eu também culpo um pouco. Por que é que não valorizamos o desporto? As pessoas acham que é fácil ficar em sexto lugar num Europeu? Ou que é fácil saltar não sei quantos metros com aquela vara? É fácil fazer recordes na piscina? As pessoas do desporto trabalham muito mais do que muita gente na nossa sociedade. Mas muita gente, mesmo. E nós temos de mudar um pouco esta forma de estar e tentar fazer a nossa parte.

MF: Uma das mudanças que defende ser essencial é a do planeamento das épocas para que haja tempo para a seleção se preparar.

PJP: Sim. Temos de começar a planificar a época pensando que Portugal vai estar em todas as grandes competições. Ainda há dias a falar com o nosso vice-presidente ele dizia: 'se formos ao Mundial'... E eu disse: 'Nós vamos ao Mundial!'. 'Ah, mas se não formos...' Não! Nós vamos ao Mundial! É assim que temos de planificar: nós vamos ao Mundial, vamos aos Jogos Olímpicos, vamos a isto e aquilo! Aquela história do 'se calhar não vamos, metemos aqui um jogo', isso acabou. Acabou! Temos de planificar de outra forma.

MF: O play-off do Mundial também está próximo, Quais as ambições de Portugal?

PJP: Se nós adormecermos um pouco, vamos pensar que vai ser fácil apurar para o Mundial. Porque, como ficámos em sexto no Europeu, já não precisámos de ir ao play-off de abril. Ainda por cima, a equipa que vamos defrontar [Israel ou Letónia] é, teoricamente, das mais acessíveis. Mas temos de perceber que todas elas são seleções fortíssimas. Temos de ser inteligentes e dizer que podemos ir ao Mundial. Podemos. Mas temos de ir outra vez com tudo. Não podemos achar que já está, porque isso é um erro. Não podemos confundir ambição e querer com laxismo. São coisas muito diferentes.

LEIA TAMBÉM

Parte 1: Fomos campeões da mudança, mas isso não é um título

Parte 3: Quero acumular a seleção com um clube, sinto que fico mais em forma

Adérito Esteves

Adérito Esteves

Parecíamos uns parolos! As pessoas a fazer a festa e nós tipo cabeçudos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: Mais Futebol Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f392dfb5

Paulo Jorge Pereira revela o que disse aos jogadores após o primeiro jogo à frente da seleção portuguesa de andebol, em 2016.

Fomos campeões da mudança, mas isso não é um título

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	27/03/2020
Meio:	Mais Futebol Online	Autores:	Adérito Esteves

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=537fc047

Paulo Jorge Pereira levou a seleção portuguesa de andebol ao melhor resultado de sempre numa grande competição

Assertivo. Sem meias-palavras ou meias-ambições.

A fórmula seguida para levar a seleção portuguesa de andebol ao melhor resultado de sempre num Europeu, o 6.º lugar, num regresso aos grandes palcos 14 anos depois da última participação, é a mesma com que Paulo Jorge Pereira se senta à conversa com o Maisfutebol, para uma grande entrevista.

PUB

Inicialmente, a ideia era olhar para o torneio pré-olímpico, marcado para meados de abril. A pandemia mundial do novo coronavírus adiou, entretanto, a competição que coloca Portugal frente a frente com a França, a Croácia e a Tunísia, mas a conversa não se perde.

PUB

Durante cerca de uma hora, o selecionador nacional de andebol olhou um pouco para trás, analisou o que de bom foi conseguido no Europeu de janeiro, e falou sobre o futuro que recusa projetar em pequenino.

Porque rastilho já está a arder de forma imparável, acredita. Só alerta que é preciso cuidado porque às vezes a explosão em vez de atingir o inimigo, atinge-nos a nós .

Maisfutebol: Esteve na Universidade Europeia, em Lisboa, a falar sobre o caso de sucesso do andebol português . Qual foi a mensagem mais importante que quis deixar?

Paulo Jorge Pereira: A mensagem de que o céu é o limite. Essa é sempre uma mensagem fortíssima. Escrevi na apresentação que 'quando os objetivos são muito difíceis de atingir... ninguém se aborrece'. Porque é difícil uma pessoa aborrecer-se quando tem um objetivo forte e consegue manter-se focado nele. Essa foi a mensagem que quis deixar: todos podem conseguir o que quiserem desde que se proponham a isso. Mas claro que há um preço a pagar, não é gratuito atingir um bom resultado.

MF: Antes do Europeu, disse que o apuramento era um rastilho, mas que ainda faltava fazer o incêndio. Esse rastilho do sucesso ainda se pode apagar, ou já está suficientemente forte para arder?

PJP: Acho que já não é possível apagar o rastilho. Mas temos de ter cuidado porque às vezes a explosão, em vez de ferir os outros, fere-nos a nós. Quando fazemos a armadilha, temos de direcionar bem os estilhaços. Porque agora, ao interpretar este nosso sucesso, temos de o fazer de uma forma coerente.

MF: O que significa isso?

PJP: Primeiro, significa perceber que nós temos nível para ter esta prestação, isso é real; e logo a seguir, temos de dizer que foi ótimo, conseguimos o melhor resultado de sempre, mas não foi nenhum

título. Foi apenas o melhor resultado de sempre. E com as nossas coisas boas e menos boas, com o nosso contexto, quando nos comparamos com outras seleções, temos de manter os pés assentes, ainda que sabendo que podemos lutar contra eles de igual para igual.

MF: Mas isso já é um pouco diferente da forma como se pensava antes...

PJP: Sim. Porque agora sabemos que qualquer resultado é possível. E dizer que qualquer resultado é possível quando vamos jogar a Paris contra a França, já é algo bom. Aqui há uns anos, íamos lá para saber por quantos íamos perder. Contra a Croácia, idem aspas. Estamos a falar de duas das seleções mais tituladas do planeta. Agora, que podemos lutar sempre pelo resultado com essas seleções, isso é evidente.

MF: Esse também era o rastilho de que falava?

PJP: Sim, é aquele estigma de derrota que existia há muitos anos. Há 14 anos [que Portugal não participava numa fase final de um Europeu]... E mundiais, organizámos o Mundial em casa [2003] e tivemos direito a participar nele. Agora temos a possibilidade de ir ao pré-olímpico e depois a qualificação para o Mundial de 2021 será mais uma oportunidade que temos.

MF: Em 2007, o rugby foi muito falado, conseguiu o apuramento para o Mundial, mas depois não houve uma continuidade da evolução. O que tem de acontecer para que o andebol não passe pela mesma situação?

PJP: Eu recordo-me dessa participação do rugby e de como nos sentimos orgulhosos ao vê-los. Até pela forma como cantavam o hino. Mas acho que a prestação do rugby naquela altura foi diferente da que nós tivemos no Europeu. Ainda que a nível de interpretação da competição, tenha sido muito parecida. Nós também podíamos nem ter passado à fase seguinte. E o nosso compromisso não teria sido diferente. Agora toda a gente me pergunta o que aconteceu, ninguém entende nada. Se nós tivéssemos perdido, todos sabiam o que tinha acontecido: 'o treinador era fraco, o staff é todo português... coitados, não percebem nada disto'.

MF: Mas o que é preciso fazer para que se continue a falar do andebol?

PJP: Temos de continuar a trabalhar da mesma maneira, manter o mesmo compromisso e fazer com que isto seja apenas um impulso. Acho que todos os atletas já entenderam que podem jogar com os melhores do mundo. E houve muita gente que trabalhou para isto. Não foi só este staff da federação, ou só os clubes. Foi muita gente. E agora temos de manter a humildade, o compromisso e a motivação intrínseca que é obrigatório ter. E que muitas vezes tem a ver com uma coisa simples: fazer história.

MF: É essa a base de pensamento neste momento?

PJP: Pode haver maior motivação do que a de fazer história? Há algo maior do que ficar perene na sociedade? E os atletas interpretaram bem aquilo que quisemos fazer. Se calhar há uma coisa em que fomos campeões: fomos campeões da mudança. Mudámos um pouco o que era o estigma da derrota. Mas isso não é um título e não ganhámos nada mais do que isso. Temos de continuar.

MF: Não só pelos resultados, mas também pela forma como Portugal se bateu com as melhores seleções do Mundo, houve muita gente que começou a olhar para o andebol de outra forma. O que é preciso para conquistar mais adeptos para o andebol?

PJP: É preciso continuar a ganhar. Mas às vezes nem é tanto o ganhar. Nós abordámos a competição sempre a olhar de igual para igual para todos os adversários. Qualquer bola era discutida e isso chamou a atenção. Porque as pessoas adoram isso. Identificam-se com essa capacidade de luta que tivemos. Tenho a certeza que a maioria dos portugueses se sentiram orgulhosos em ver-nos a desafiar

qualquer um.

MF: E isso vai continuar?

PJP: Isso é para continuar. Até porque nós não aceitamos desvios nesse caminho. E não somos os melhores do mundo, tal como não éramos os piores antes da qualificação.

MF: Durante o Europeu, nos países onde se jogou, sentia-se um verdadeiro encantamento dos adeptos do andebol pela forma como Portugal jogava. Isso é um sinal de que o trabalho está a ser bem feito?

PJP: Eu acho que sim. O trabalho está a ser bem feito. Mesmo a nível da formação, há muita gente em Portugal que trabalha bem. Mas temos sempre de melhorar coisas e trabalhar mais em conjunto no que é a troca de ideias.

MF: Disse recentemente que chegar aos Jogos Olímpicos seria...

PJP: A loucura total! A isso já nem chamaria história [risos]. Nós [Portugal] nunca tivemos nenhum desporto coletivo sem ser o futebol nos Jogos Olímpicos. Se nós estivéssemos presentes... Sabendo que [o torneio pré-olímpico] vai ser a competição de maior exigência da vida de todos nós. E nós sabemos isso, mas se a superarmos, quem vier atrás que faça melhor.

MF: Será um enorme desafio em apenas três dias.

PJP: Três dias... full. Três dias sem erros. Isso é muito difícil.

MF: Também nisso o Europeu foi uma preparação importante?

PJP: Claro. Nós aprendemos muitas coisas no Europeu. Aprendemos que podemos jogar contra qualquer um e que podemos ganhar, perder ou empatar; aprendemos que temos de jogar com o nosso estatuto: temos de perceber que um árbitro pode assinalar passos ao Rui Silva como aconteceu com a Eslovénia, e que permita golos com cinco passos ou os dois pés dentro da área ao Pálmarsson [central da Islândia e do Barcelona]. Não podemos esperar que seja diferente. Nós temos o estatuto que temos, acabámos de voltar às competições deste nível e ainda não temos estatuto. Os árbitros olham para nós como outsider. Fizemos muito ruído neste Europeu e talvez já olhem para nós de forma um pouco diferente na próxima competição, mas isto é algo que se conquista ao longo de vários anos a estar presente.

MF: Ainda será como outsider que Portugal chega ao pré-olímpico?

PJP: Sim. Conseguir um grande resultado neste pré-olímpico, com o estatuto que ainda temos, seria mesmo a loucura. Porque são só 12 seleções a nível planetário que vão estar ali. Conseguir seria extraordinário.

MF: No Europeu houve dois jogos em que a equipa se deixou claramente influenciar por decisões de arbitragem. Já estará agora preparada para lidar com essa questão de estatuto?

PJP: Ainda há pouco quando falei das coisas que aprendemos, ia dizer que houve uma que não aprendemos. Nós não aprendemos a manter-nos firmes no nosso objetivo, sem ouvir o que se diz à nossa volta.

MF: Como assim?

PJP: Antes de ganharmos à Suécia, o nosso objetivo era melhorar o sétimo lugar, de 2000. E depois dessa vitória, a imprensa começou a falar da meia-final. 'A meia-final, a meia-final... isto já esteve

mais longe, é possível...'. Internamente, nunca falámos da meia-final, mas no nosso inconsciente, ela estava lá. E deixámo-nos levar um pouco por isso. Ganhámos à Suécia por 10 e depois houve aquele momento-chave em que as equipas habituadas a este ritmo não falham, e nós falhámos. Falhámos, entre aspas. Porque perdemos com a Eslovénia e a Islândia, que são seleções de altíssimo nível. Mas talvez pudéssemos ter feito melhor se nos mantivéssemos firmes e pensássemos só no próximo adversário.

MF: A tal ideia de pensar sempre jogo a jogo...

PJP: Se aprendemos a lição, agora, no pré-olímpico, não vamos pensar na Croácia nem na França. Vamos pensar na Tunísia. Vamos analisar a fundo a Tunísia, embora haja troca de treinador, e vamos centrar-nos nesse primeiro jogo. Que é o que é mais importante ganhar. E depois o segundo jogo também já estará preparado. Mas é um jogo de cada vez, sem andar a pensar que se ganharmos à Tunísia, já estamos. Isso é impossível. Mas se quisermos pensar chegar lá, temos obrigatoriamente de ganhar à Tunísia.

MF: Que não é uma equipa fácil...

PJP: Não. A Tunísia, num dia bom, pode ganhar a qualquer seleção. A Tunísia perdeu [na final do CAN] com o Egipto, que foi só o sétimo classificado do último campeonato do mundo. Esse também vai ser um jogo muito difícil.

MF: Trabalhou na Tunísia durante três anos, esse conhecimento pode ser uma mais-valia, ou a Tunísia está muito diferente?

PJP: Sim, é uma mais-valia. Fazem parte dessa seleção vários atletas com quem trabalhei no Espérance [Tunis]. O lateral-esquerdo e o ponta-esquerda, por exemplo, que jogam muito tempo. O pivô, que agora está a jogar em França, também trabalhou connosco. Esses três conheço muito bem e os outros, de uma forma geral, também conheço. Por isso, acho que é uma vantagem.

MF: E com a França, não há duas sem três, ou vai haver um sentimento de vingança da parte deles?

PJP: Acho que eles não pensam em vingança. A pensar nisso, teria sido já neste Europeu. A partir do momento que perdem duas em três, vão querer mostrar que a culpa era do treinador [Didier Dinart, despedido em janeiro].

MF: Isso pode ser bom ou mau para Portugal?

PJP: Pode ser uma vantagem ou uma desvantagem. Porque o treinador adjunto mantém-se, o grupo de jogadores - que supostamente não teve culpa nenhuma - também se mantém. E vai haver vontade de mostrar que quem teve culpa foi o treinador. Mas nós vamos ser os mesmos.

MF: Além dessa vontade, vão estar a jogar em França.

PJP: Sim, o contexto vai ser diferente, porque vamos jogar em Paris, num pavilhão que leva 18 mil pessoas. Mas nós não temos rigorosamente nada a perder. E oxalá, já pudéssemos chegar ao último jogo com tudo resolvido. Isso é que era (risos).

MF: Isso significava que se teria ganho à Tunísia e à Croácia, que acabou de ser vice-campeã europeia e teve o MVP do Europeu...

PJP: O nosso ataque terá de ser sublime perante a defesa 5x1 que eles têm, com o Duvnjak à frente. Se conseguirmos atacar aquele sistema com algumas boas ideias e identificarmos onde eles são mais vulneráveis - e se olharmos bem vamos conseguir ver isso, como a Espanha viu [na final] -, é possível combater e vencer a Croácia. E voltamos ao slogan que utilizámos desde o primeiro dia de estágio

para o Europeu: Eles vão ver-se à rasca para perder connosco .

MF: Uma inversão da frase original...

PJP: Sim: eles vão ver-se à rasca para perder connosco. Para perderem connosco. Os atletas ficaram a olhar e pensaram que eu me tinha enganado. E eu repeti: para perderem connosco. Quando eles começaram a rir-se, eu vi que eles já tinham entendido. Porque quando dizemos 'eles vão ver-se aflitos para nos ganhar', já estamos a assumir a derrota. E nós tentámos mudar essa forma de pensar desde o primeiro dia.

MF: Há um regresso à seleção que é mais ou menos previsível para o pré-olímpico, o do Gilberto Duarte. Mas o Iturriza também já poderá ser chamado e o Diogo Silva também recuperou de lesão. Esses são três nomes que podem estar da convocatória?

PJP: Estão todos. A lista de 28 está pronta, eu ainda não a entreguei e fizemos uma proposta para que a lista não seja entregue um mês antes. Porque vivemos isso na pele agora no Europeu: entregámos a lista um mês antes do primeiro jogo e passado dois dias tivemos dois jogadores que se lesionaram. Por isso, propusemos entregar 15 dias antes. Agora, quem vai ser convocado, ainda não sei. A lista está sempre a mudar. Não vai haver muitas mudanças, mas vai haver mudanças, de certeza.

MF: Não haverá a tentação de convocar jogadores para o pré-olímpico como forma de prémio pelo Europeu?

PJP: Não. Para o pré-olímpico vão os 18 jogadores que estiverem melhor para representar Portugal naquele momento. Independentemente do que aconteceu no Europeu.

MF: A situação do Coronavírus preocupa-o?

PJP: O meu receio é que o Coronavírus nos impeça de ir aos Jogos Olímpicos. Esse é o único receio que tenho.

LEIA TAMBÉM

Parte 2: Parecíamos uns parolos! As pessoas em festa e nós lá como cabeçudos

Parte 3: Quero acumular a seleção com um clube, sinto que fico mais em forma

Adérito Esteves

Adérito Esteves

Disseram à nossa guia: ´vais com Portugal, eles só ficam cinco dias´

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: Mais Futebol Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3f98d0e8

Paulo Jorge Pereira revela a história da guia que acompanhou a seleção portuguesa no Europeu de andebol, e que tinha sido contratada apenas para cinco dias, mas que teve de ficar até ao fim da competição, na qual Portugal acabou no sexto lugar.

CISION

Record

ID: 85655276

27-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 31
Cores: Cor
Área: 5,16 x 8,64 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL

Euro sub-20 em risco

A Federação Europeia (EHF) anunciou que o Europeu sub-20, inicialmente de 2 a 12 de julho, nas cidades anfitriãs de Innsbruck (Áustria) e Brixen (Itália), iria ser adiado para entre 13 e 23 de agosto devido à Covid-19. Mas a associação regional do Tirol admitiu que este reagendamento não é defensável e que para "encontrar datas alternativas será extremamente difícil". Portugal está no Grupo B, com Suécia, França e Rússia.

CISION

ID: 85654648

Record

27-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 5,10 x 2,83 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL. Em comunicado, a Federação Portuguesa anunciou que deliberou manter a suspensão das competições nacionais, por tempo indeterminado.

Só posso abandonar depois de fazer publicidade a uma marca tipo Delta

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=103d623d

Paulo Jorge Pereira, selecionador de andebol de Portugal, sobre aquilo que consideraria um bom sinal do crescimento do andebol em Portugal.

Paulo Jorge Pereira: Acabou a história do ´se calhar não vamos´!

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=caf605c9

Selecionador de andebol sobre a necessidade de mudar a forma como se planeia o calendário nacional.

Quero acumular a seleção com um clube, sinto que fico mais em forma

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	27/03/2020
Meio:	TVI 24 Online	Autores:	Adérito Esteves

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b9ca8780

Paulo Jorge Pereira assume a vontade de voltar a trabalhar em clubes, mas sem deixar a seleção de andebol

A ambição é uma das imagens de marca de Paulo Jorge Pereira. Foi ela que o levou a deixar o comando técnico do FC Porto, em 2006, para poder dedicar-se inteiramente ao andebol.

Foi também essa ambição que se disseminou ao grupo que, em janeiro, conseguiu levar a seleção ao melhor resultado de sempre numa grande competição.

E é também por ela que o técnico volta a assumir a vontade de acumular o comando da seleção com o de um clube. Paulo Jorge Pereira diz que já há contactos nesse sentido e não se coíbe de detalhar aquelas que considera serem as vantagens, mas também as desvantagens, de o fazer, do ponto de vista da seleção.

MF: Já referiu algumas vezes a vontade de acumular o cargo de selecionador com o de treinador de uma equipa. É possível fazê-lo em Portugal?

PJP: Em Portugal, com uma equipa portuguesa, seguramente que não.

MF: Mas está para breve essa possibilidade?

PJP: Há algumas movimentações e espero poder acumular na próxima época. Se não acumular, paciência. Mas espero conseguir fazê-lo porque ainda me sinto com energia para o fazer. A minha vontade é continuar com a seleção - que é um prazer enorme, cantar aquele hino - e, se puder acumular com um clube de um campeonato de referência, melhor ainda. Há possibilidades. Não sei se vai acontecer, mas há possibilidades de isso acontecer. Na Europa.

MF: O que considera que a seleção tem a ganhar de ter o selecionador a trabalhar num clube?

PJP: Eu sei que é muito cansativo, mas também sinto que estou mais em forma quando vamos jogar. Eu recordo-me que quando fizemos o torneio de Espanha [de preparação para o Europeu, em dezembro], estava há meses sem ir para o banco, e estar naquela posição, a ver o jogo daquele ângulo, é diferente. É diferente a forma como interpretamos o jogo e como resolvemos problemas. Sinto que fico mais em forma no que diz respeito a tomar decisões mais rápidas: a fazer uma substituição, mudar o sistema defensivo...

MF: Mas também há desvantagens.

PJP: Claro. Tenho menos tempo para preparar e estudar os adversários. Se estiver num clube, não tenho tanto tempo. Neste Europeu [não estar a trabalhar num clube] acabou por ser bom, porque tive muito tempo para preparar os jogos, sobretudo os da primeira fase.

MF: Já teve essa experiência: estava no CSM Bucareste quando conseguiu apurar a seleção para o Europeu.

PJP: Sim. E ganhámos a Taça Challenge [no clube romeno]. Foi um ano tremendo de trabalho, mas foi altamente produtivo. E é possível fazê-lo, há muitos treinadores nessas circunstâncias. Alguns deles, com êxito.

LEIA TAMBÉM

Parte 1: Fomos campeões da mudança, mas isso não é um título

Parte 2: Parecíamos uns parolos! As pessoas em festa e nós lá como cabeçudos

Adérito Esteves

Parecíamos uns parolos! As pessoas a fazer a festa e nós tipo cabeçudos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6e29e437

Paulo Jorge Pereira revela o que disse aos jogadores após o primeiro jogo à frente da seleção portuguesa de andebol, em 2016.

Disseram à nossa guia: ´vais com Portugal, eles só ficam cinco dias´

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=92992771

Paulo Jorge Pereira revela a história da guia que acompanhou a seleção portuguesa no Europeu de andebol, e que tinha sido contratada apenas para cinco dias, mas que teve de ficar até ao fim da competição, na qual Portugal acabou no sexto lugar.

Os luso-cubanos vivem o jogo de uma forma mais natural

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d8346b0c

Paulo Jorge Pereia, selecionador de andebol, sublinha a importância da naturalização de atletas nascidos em Cuba.

Nós no desporto temos uma excelente oportunidade para dar o exemplo

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/03/2020

Meio: TVI 24 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9c9cbe50

Selecionador nacional de andebol, Paulo Jorge Pereira, sobre a oportunidade que os protagonistas desportivos têm para dar um exemplo à sociedade.

CISION

ID: 85631650

O JOGO

26-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 12
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 3

EM FOCO

"Devemos usar máscara para nos protegermos e aos outros"

EDUARDO FILIPE

Pandemia Antigo jogador de andebol – o mais internacional em Portugal, com 271 jogos pela equipa das Quinas – formou-se em Medicina, sendo especialista em medicina desportiva e coordenador clínico da Cidade Desportiva do Braga



% DE ÓBITOS POR FAIXA ETÁRIA



NÚMERO DE ÓBITOS POR CADA MILHÃO DE PESSOAS



Em entrevista exclusiva a O JOGO, o antigo lateral-esquerdo deixa dicas, formas de estar, conselhos e até, de alguma forma, uma mensagem de esperança perante a pandemia do coronavírus

RUI GUIMARÃES

●●● Sem rodeios, o antigo jogador de FC Porto e ABC deixou conselhos e explicações para a pandemia que está a assolar e a assustar o mundo.

Diz a Direção-Geral de Saúde [DGS] que não é preciso usar máscaras, apenas quem está infetado. Porém, os países que estão a combater a fase exponencial da Covid-19 com maior sucesso – China, Macau e Coreia do Sul – recomendam o uso das mesmas. Qual a sua opinião?

—Eu concordo com o uso das máscaras, por vários motivos, que passo a enumerar: em primeiro lugar, não devemos pensar que as máscaras são apenas para proteger quem está doente, elas servem também para nos protegermos, a nós e aos outros. Muitos de nós podemos ser portadores assintomáticos da Covid-19, pelo que esta é uma boa forma de nos comportarmos como possíveis transmissores; segundo, sabendo que não devemos levar as mãos à boca ou olhos, com o uso de máscara diminuímos bastante essa tendência, pois mantém-nos alerta; por último, ver os outros com máscara, serve-nos de estímulo para nos mantermos a uma distância de segurança.

O calçado, quando vimos da rua, numa ida rápida a um supermercado, por exemplo, é um meio de contágio?

—Pelos dados que temos, o potencial é baixo, mas devemos seguir os conselhos da DGS; o ideal é termos em casa uma zona limpa e uma zona dita suja. Desta forma, devemos deixar o calçado que usamos quando saímos de casa na zona suja, minimizando assim o risco de contágio. Com a roupa, deveremos proceder de forma idêntica, colocando para lavar a roupa que usamos sempre que saímos de casa.

Quais são, efetivamente, as regras primordiais para evitar o contágio?

—Como não temos vacinas, as regras primordiais são "não ficar infetado e não infetar ninguém". Para isso, ainda que pareça trivial, as principais estratégias deverão passar pelo distanciamento social – não é uma experiência simpática, mas é simpático fazê-lo –: manter, sempre que possível, 1,5 a dois metros de distância das outras pessoas e nada de beijar, abraçar ou apertar as mãos. A higiene correta – lavar as mãos com regularidade, com água e sabão ou solução à base de álcool, durante pelo menos 20 segundos – é também fundamental. Não passar as mãos pelos olhos, boca e nariz, tossir e espirrar para o braço ou para um lenço de papel, que deve ser deitado ao lixo de seguida, lavando as mãos depois. Ao chegar a casa, não tocar em nada antes de lavar/desinfetar as mãos. Colocar na zona suja os sapatos de ir à rua e pôr para lavar a roupa usada nas saídas, usar máscara cirúrgica sempre que formos à rua e manter a casa restrita à família mais íntima e não receber visitas durante a quarentena são igualmente medidas a tomar.

"O ideal é termos em casa uma zona limpa e uma zona dita suja"

"Sendo rigorosos, podemos espaçar os casos, aplanando a curva da evolução"

Eduardo Filipe
Médico e ex-andebolista

O que conseguiremos com essas regras?

—Sendo rigorosos, podemos espaçar os casos positivos, aplanando a curva de evolução da doença, o que nos dá tempo, evitando que o Serviço Nacional de Saúde entre em colapso e, dessa forma, possa atender todos os casos de gravidade sem a necessidade de tomar decisões difíceis, como optar a quem assistir. Devemos também ter em mente que, na maioria dos casos, a doença será leve, pelo que, se tivermos sintomas, devemos ligar para a linha Saúde 24 ou fazer o autodiagnóstico através do avaliador de sintomas disponível no site da DGS [https://www.ssns24.gov.pt/avaliar-sintomas/?intro-sc=covid-19] e assim evitar ir para os hospitais sem sinais de gravidade, pois aumentaremos o risco de infetar outros e de nos infetarmos.

Atendendo à gravidade da doença, vai ser possível inverter em breve esta tendência para o aumento do número de mortos?

—Sim, sabemos que existe uma população de risco – os mais idosos e pacientes com

CISION

ID: 85631650

O JOGO

26-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 13
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 2 de 3





défice imunitário – e que, se esses forem protegidos, a mortalidade diminui drasticamente, por isso é que a estratégia na abordagem a esta pandemia tem muita influência nessa progressão. Podemos constatar, ao avaliarmos os dados disponibilizados pela OMS, curvas díspares entre vários países e que estão relacionadas com as regras impostas para o combate à Covid-19.

Esta evolução será igual em todos os países?

—Não, podemos ver que países que têm uma estratégia mais reativa e menos preventiva, ou seja, os que vão atuando em função da doença e não tomaram tantas medidas preventivas, são os que estão a ter um crescimento exponencial, com o colapso dos sistemas de saúde, sendo, nestes casos, muito mais letal esta pandemia. Neste campo, a nossa estratégia, preventiva, de mitigação, está a ter melhores resultados. O principal objetivo é permitir que haja meios disponíveis suficientes para que os utentes possam ter apoio eficaz nos casos graves e que tenhamos uma mortalidade mais baixa.

"Os grupos de risco são os idosos – aumenta exponencialmente a partir dos 60 anos – e indivíduos portadores de doenças crónicas"

"Os países que já têm a doença controlada demoraram cerca de três meses"

"As próximas duas a três semanas serão decisivas para verificar se as estratégias foram eficazes"

"As próximas duas a três semanas serão decisivas"

Do ponto de vista da virologia, há diferenças entre a doença em Portugal e noutras regiões do mundo?

—Não, até agora não existe evidência de mutação do vírus, ou seja, é o mesmo em todos os países; as diferenças epidemiológicas são fruto das diferentes estratégias que os países tomaram.

Consegue-se prever quando será o fim desta pandemia?

—Ainda é cedo para nos podermos pronunciar, penso que as próximas duas a três semanas serão decisivas para verificar se as estratégias que estamos a tomar foram eficazes e, aí sim, será mais fácil fazer uma previsão. Os indicadores têm sido positivos e espero que assim continuem.

Quem já teve cancro, e está curado, é considerado uma pessoa de risco?

—Não existem dados que apontem nesse sentido, sabemos que os grupos de risco são os idosos – aumenta exponencialmente a partir dos 60 anos – e indivíduos portadores de doenças crónicas.

"TEMOS DE MANTER A ATIVIDADE FÍSICA"

●●● Fazer exercício físico é um dos conselhos que Eduardo Filipe deixa às pessoas e diz que até se pode correr e andar de bicicleta.

Que outras estratégias temos para ultrapassar melhor a pandemia?

—Penso que, para além de todas as estratégias para evitar o contágio, devemos manter a atividade física, fundamental para o nosso bem-estar físico e mental, podendo recorrer a diversos tutoriais disponibilizados na internet, para realizar exercício em casa. Podemos também correr ou andar de bicicleta no exterior, desde que mantenhamos as devidas distâncias de segurança. É igualmente fundamental uma alimentação diversificada, com grande incidência em hortícolas e frutas, ricos em vitaminas e minerais, adaptando as quantidades à condição de menor atividade física.

Em resumo, o que se pode ainda fazer para evitar a continuação da expansão da doença?

—Ser resiliente, não baixar os braços, estar disponível para ajudar quando necessário e acreditar que as medidas que nos estão a ser propostas pelo Governo e DGS nos levarão à vitória contra este vírus. O caminho vai ser árduo, mas vamos conseguir.

"É DIFÍCIL PREVER A INFLEXÃO DA CURVA"

●●● Com a maioria das pessoas já presa em casa há alguns dias, podem surgir perguntas como esta: poderemos fazer aquela celebração pensada há tanto tempo...

Em maio, mês de cerimónias religiosas, como as comunhões, já será seguro sair de casa?

—Se a doença estiver controlada, sim. A partir do momento que se estabelecer que a pandemia está sob controlo, dar-se-á um retorno à vida normal. Mas é difícil prever o momento de inflexão da curva e quando teremos a doença controlada.

COMPETIÇÃO Eduardo Filipe acredita que a próxima época comece

"Campeonatos? É muito difícil que acabem"

●●● Todas as competições das mais diversas modalidades estão paradas, causando grande impacto, negativo, em todos os clubes.

Acredita que os campeonatos das diversas modalidades ainda vão a tempo de se concluírem?

—É difícil prever, mas a possibilidade é baixa. É muito difícil que acabem, face aos exemplos que temos nos outros países. Os países que já têm a doença controlada demoraram cerca de três meses, com medidas rigorosas, até atingirem esses objetivos, pelo que nos deixa pouco tempo para poder realizar os jogos em falta. De todas as formas, devemos ser positivos e, nesse sentido, fazer planos com propostas contemplando vários cenários possíveis, à imagem do Braga, que formulou seis propostas com várias possibilidades. Vamos aguardar, sabendo que estaremos dependentes do momento em que o Governo e a DGS considerem a doença controlada e permitam o retorno à atividade.

E as outras provas, como as competições europeias, por exemplo?

—Será complicado pelo mesmo motivo, pois ainda faltam bastantes eliminatórias e escasseia tempo para tantos jogos. Esperemos que seja possível, mas, neste caso, ainda será mais complicado, pois estão envolvidos mais países em fases diferentes de evolução da doença, o que torna ainda mais difícil prever o controlo geral desta pandemia.

E a próxima época, poderá arrancar e decorrer sem problemas?

—Tenho confiança que sim, que, com as medidas que estamos a adotar, estaremos prontos a tempo para encarar a nova temporada.



EPA/MANUEL FERNANDO ARAÚJO

"Jogos seriam nova fonte de contágio"

●●● Só ontem o Comité Olímpico tomou decisões.

O Comité Olímpico Internacional [COI] demorou algum tempo a tomar uma posição. Como olha para a atitude do COI?

—Não consigo entender essa postura, pois neste momento não é possível saber se a doença estará controlada na data inicialmente prevista para a realização dos Jogos Olímpicos. Provavelmente, esta insistência será por motivos financeiros. No caso de se realizarem, poderíamos ter uma nova fonte de contágio, já que a população-alvo engloba potenciais portadores assintomáticos. Por outro lado, temos muitos atletas que ainda não conseguiram a qualificação, existem modalidades, como o andebol, que terão de efetuar o torneio pré-olímpico – não se sabe quando – e atletas de desportos individuais que neste momento não têm condições para treinar de acordo com as necessidades, situação esta que está a causar grandes níveis de ansiedade e é extremamente injusta.

CISION

ID: 85631650

OJOGO

26-03-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 21,28 x 7,43 cm²
Corte: 3 de 3





CORONAVÍRUS

Antigo internacional de andebol é o atual coordenador clínico da Cidade Desportiva do Braga P12-17

PRÓXIMAS SEMANAS SÃO DECISIVAS, AVISA O DR. EDUARDO FILIPE

Alerta vermelho: *Portugal entrou na fase de mitigação*